

Para que o carácter de um ser humano revele qualidades verdadeiramente excepcionais, é preciso ter a sorte de poder observar os seus atos durante muitos anos. Se esses atos forem desprovidos de todo o egoísmo, se o ideal que os conduz resulta de uma generosidade sem par, se for absolutamente certo que não procuram recompensa alguma e se, além disso, ainda deixam no mundo marcas visíveis, estamos então, sem sombra de dúvida, perante um carácter inesquecível.

I

Passaram cerca de quarenta anos desde a altura em que fiz uma longa viagem a pé, por picos absolutamente desconhecidos pelos turistas, nessa ancestral região dos Alpes que se estende até à Provença.

A região é delimitada a sueste e a sul pelo curso médio do rio Durance, entre Sistereau e Mirabeau; a norte pelo curso superior do Drôme, da nascente até Die; a oeste, pelas planícies do Comtat Venaissin e pelo sopé do Mont-Ventoux. Inclui toda a parte norte do distrito dos Baixos Alpes, o Sul do Drôme e um pequeno enclave do Vaucluse.



Encontrava-me a uns 1200 ou 1300 metros de altitude, na altura em que comecei a minha longa jornada naquela terra extensamente despovoada, nua e monótona, onde só a alfazema silvestre florescia.



Atravessei a região em todo o seu comprimento e, ao fim de três dias de caminho encontrei-me numa desolação completa.

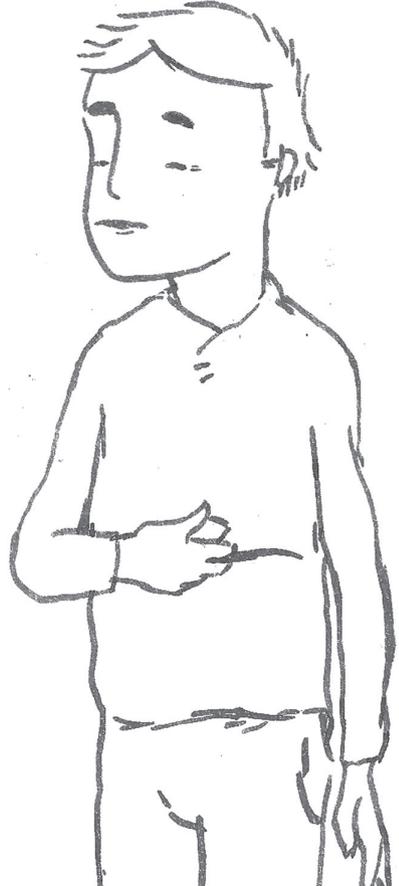
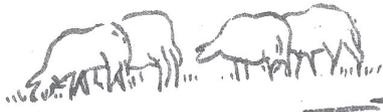
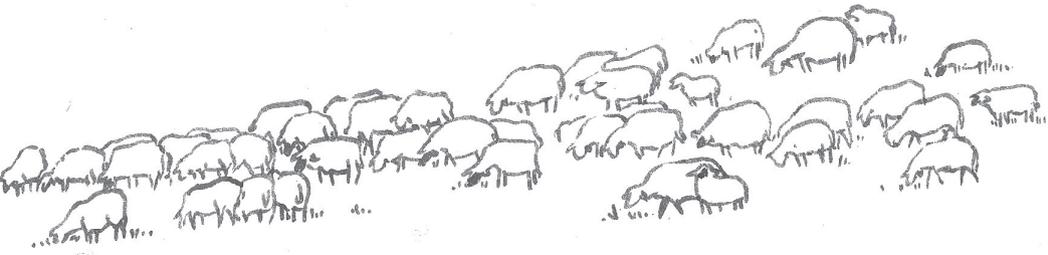
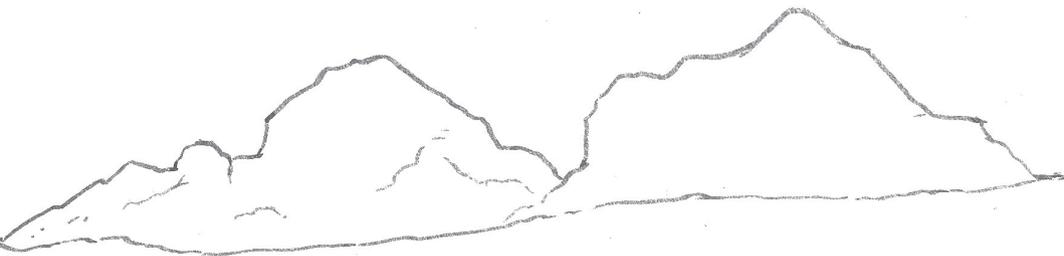
Acampei junto às ruínas de uma aldeia abandonada. Já não tinha água desde a véspera e precisava de encontrar alguma. Todas aquelas casas juntas, mesmo que em ruínas, como um velho ninho de vespas, fizeram-me pensar que, em tempos, devia ali ter havido uma fonte ou um poço. **Encontrei uma fonte, de facto, mas estava seca.** As cinco ou seis casas, sem telhado, desgastadas pelo vento e pela chuva e a pequena capela com o campanário caído, estavam alinhadas como as casas e as capelas das aldeias habitadas, mas ali, toda a vida tinha desaparecido.

Estava um belo dia de junho, cheio de Sol, mas nestas terras desabrigadas e elevadas, o vento soprava com uma brutalidade insuportável. Os seus uivos contra as ruínas das casas eram como os de uma fera interrompida a meio da refeição. Tive de levantar o acampamento.



Após cinco horas de marcha ainda não tinha encontrado água e nada me fazia ter esperança de que isso fosse acontecer. Por todo lado sempre a mesma terra seca, a mesma vegetação lenhosa.

Pareceu-me vislumbrar ao longe uma pequena silhueta escura e de pé. Tomei-a pelo tronco de uma árvore solitária. Casualmente, dirigi-me para lá. Era um pastor. Umas trinta ovelhas



descansavam junto a ele, deitadas na terra escaldante.

Ofereceu-me de beber do seu cantil e pouco depois levou-me até ao redil das ovelhas, numa ondulação do planalto. Tirava a água — excelente — de um furo natural, muito profundo, sobre o qual instalara um sistema rudimentar de roldanas.



Era homem de poucas falas, característica comum nos solitários, mas sentia-o seguro e com confiança em si próprio. Algo que parecia estranho, naquela região tão inóspita.

Não vivia numa cabana mas numa verdadeira casa feita de pedra onde era

bem visível o seu trabalho pessoal de reconstrução da ruína que ali encontrara quando chegara. O telhado era sólido e estanque. O vento que lhe batia produzia nas telhas o mesmo ruído das ondas do mar a bater na areia das praias.

A casa estava arrumada, a loiça lavada, o chão varrido, a espingarda oleada; a sopa fervia ao lume. Reparei também que estava bem barbeado, que tinha todos os botões solidamente pregados, que a roupa estava remendada com tal minúcia que nem se dava pelos remendos.

Fez-me partilhar da sua sopa e, quando lhe retribuí, oferecendo-lhe tabaco da minha bolsa, disse-me que não fumava. O seu cão, silencioso como o dono, era bem-educado sem ser servil.